

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO

1 MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

RAGNAR JÓNASSON



A

ILHA



TOP
SEL
LER

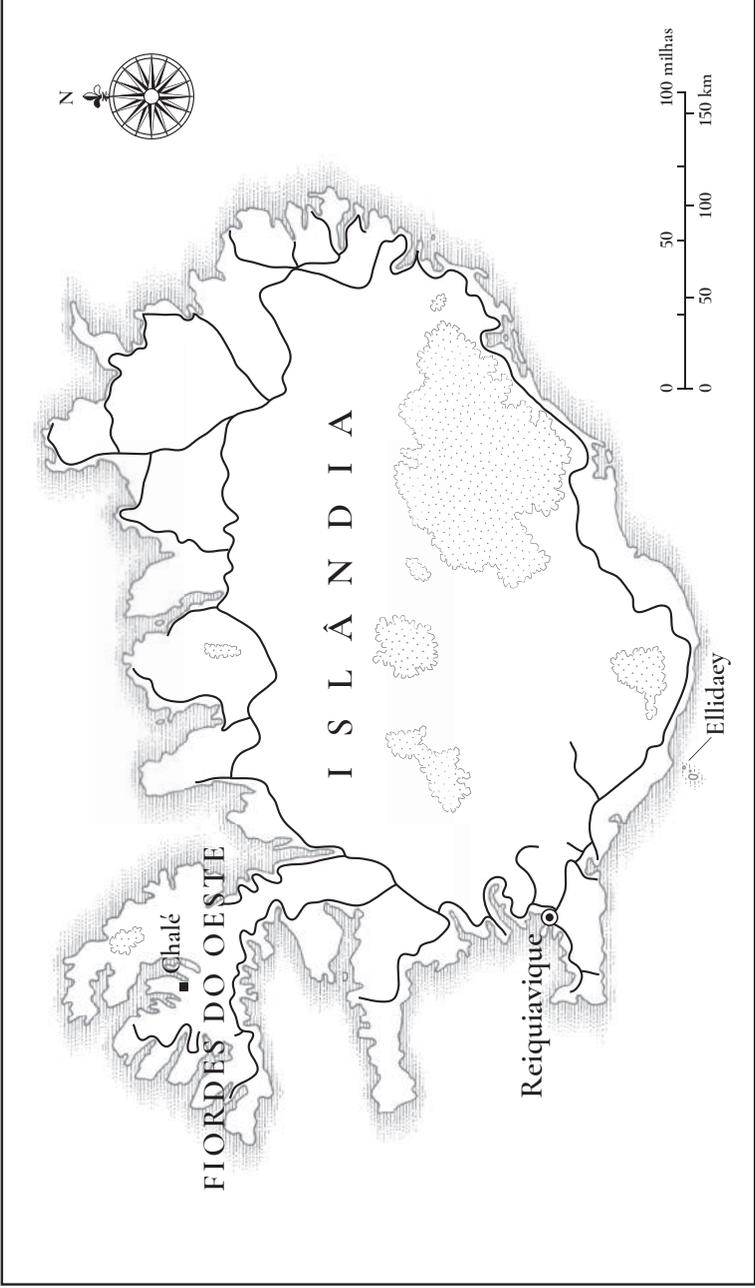
«Magistral.»
Publishers Weekly

«Um livro arrepiante.»
The Sunday Times

Para a María

«Uma simples palavra cruel pode alterar uma mente.
Há que ter cuidado na presença de uma alma.»

Einar Benediktsson, em *Solilóquios de Starkaður*



Prólogo

Kópavogur, 1988

A babysitter estava atrasada. Era raro o casal sair à noite, pelo que ambos tinham tido o cuidado de se certificar com bastante antecedência de que ela estava disponível. A rapariga já tinha ido lá a casa algumas vezes e vivia na rua ao lado; porém, tirando isso, eles não sabiam muito mais sobre ela. E o mesmo se aplicava à sua família, embora eles conhecessem a mãe dela o suficiente para lhe falarem quando se cruzavam no bairro. Mas a filha deles, com 7 anos, idolatrava a rapariga, de 21, por lhe parecer muito crescida e fascinante. A menina estava sempre a falar de como ela era divertida, das roupas giras que usava e das histórias emocionantes que lhe contava ao deitar. O entusiasmo da filha face à perspectiva de ter a rapariga a tomar conta dela ajudava a diminuir o sentimento de culpa do casal em relação a ter aceitado o convite; eles estavam seguros não só de que a filha ficava em boas mãos, mas também de que ia ser um serão bem passado. Tinham combinado com a rapariga que ela ficaria lá em casa entre as 18 horas e a meia-noite, mas já passava da hora. Na verdade, eram quase 18h30, e o jantar estava marcado para as 19 horas. O marido estava disposto a telefonar e perguntar o que lhe tinha acontecido, mas a mulher não queria empolar a questão. Ela havia de aparecer.

Era o início da noite de um sábado do mês de março, e o ambiente enchera-se de expectativas risonhas até se verificar aquele atraso da babysitter. O casal sentia-se animado com a perspectiva de passar um serão divertido com os colegas da mulher do ministério, e a filha estava ansiosa por passar a noite a ver filmes com a babysitter. Embora eles não tivessem um videogravador, dado aquela ser uma ocasião especial, o pai tinha ido com a filha à loja de vídeos da zona para alugar um equipamento e três cassetes, e a menina tinha autorização para ficar a pé o tempo que quisesse, até todas as suas energias se esgotarem.

Pouco passava das 18h30 quando, por fim, se ouviu o toque da campainha. A família vivia num segundo andar de um pequeno prédio em Kópavogur, a cidade que ficava logo depois de Reiquiavique, na direção sul. Era uma povoação de certo modo tranquila, encaixada entre Reiquiavique e outras cidades da área metropolitana, cuja maior parte dos habitantes tinha de se deslocar diariamente para os empregos na capital.

A mãe foi ao intercomunicador. Era a babysitter, finalmente. Momentos depois, ela aparecia à porta, completamente encharcada, explicando que tinha ido a pé. Chovia tanto que parecia que lhe tinham despejado um balde de água sobre a cabeça. Com um ar envergonhado, pediu desculpa pelo atraso.

O casal descartou as desculpas com um gesto, determinado a evitar que o atraso lhes estragasse a noite. Agradeceram-lhe por ficar ali a substituí-los, lembrando-lhe as principais regras da casa e perguntando-lhe se ela sabia usar um videogravador, altura em que a filha os interrompeu, dizendo que não precisava de ajuda. Era óbvio que ela estava ansiosa por despachar os pais, para que a festa dos vídeos começasse.

Apesar de o táxi os esperar na rua, estava a revelar-se difícil para o casal ir-se embora. Eles não estavam habituados a separar-se da filha.

— Não se preocupem — disse a babysitter para os tranquilizar. — Eu tomo bem conta dela. — A rapariga fê-lo com um

ar reconfortantemente fiável, e ela sempre se revelara eficiente a tomar conta da menina noutras alturas. Então, lá partiram finalmente em direção ao aguaceiro para apanhar o táxi.

À medida que o tempo passava, a mãe começou a sentir-se com uma ansiedade crescente.

— Não sejas tonta — disse-lhe o marido. — Aposto que ela se está a divertir à grande. — Depois de dar uma olhadela ao relógio, acrescentou: — Neste momento, já deve ir no segundo ou no terceiro filme, e as duas devem ter acabado com o gelado.

— Achas que me deixavam utilizar o telefone na receção? — perguntou-lhe a mulher.

— Agora já é um bocado tarde para lhes telefonar, não te parece? Ela pode ter adormecido em frente à televisão.

Acabaram por regressar a casa ligeiramente mais cedo do que o planeado, pouco depois das 23 horas. O jantar, composto por entrada, prato principal e sobremesa, já tinha terminado naquela altura e, na realidade, havia sido um pouco dececionante. O prato principal fora um borrego insípido, para não dizer mais. A seguir ao jantar, as pessoas tinham-se amontoado na pista de dança. De início, o DJ começara a passar músicas antigas populares, mas depois dedicara-se aos êxitos dos tops, que não eram exatamente do agrado do casal, embora eles ainda gostassem de se considerar uns jovens; afinal, ainda não tinham atingido a meia-idade.

Seguiram para casa em silêncio, com a chuva a escorrer pelas janelas do táxi. A verdade era que eles não eram muito dados a festas; ambos gostavam demasiado dos seus pequenos confortos caseiros, e a noite deixara-os esgotados, mesmo sem terem bebido muito, apenas um copo de vinho tinto ao jantar.

Ao saírem do táxi, a mulher expressou o desejo de que a filha estivesse a dormir, para poderem ir diretamente para a cama.

Subiram as escadas sem pressa e abriram a porta, em vez de tocarem à campainha, receando perturbar a menina.

No entanto, a filha não estava a dormir, conforme se verificou. Correu ao encontro deles para os receber ainda à porta, lançando-lhes os braços ao pescoço e dando-lhes um abraço involuntariamente apertado. Para surpresa de ambos, a menina parecia estar perfeitamente desperta.

— Estás cheia de energia — comentou o pai, a sorrir.

— Ainda bem que já chegaram — disse a menina. No olhar dela, havia uma expressão estranha; algo não estava bem, embora fosse difícil determinar o quê.

A babysitter apareceu, vinda da sala de estar, e dirigiu-lhes um sorriso doce.

— Como correram as coisas? — perguntou a mãe.

— Muito bem — respondeu a rapariga. — A vossa filha é uma boa menina. Estivemos a ver vídeos, duas comédias. E ela comeu quase todas as almôndegas que deixaram preparadas, e ainda um monte de pipocas.

— Muito obrigada por ter vindo; não sei o que teríamos feito sem si.

O pai retirou a carteira do bolso, contou o dinheiro e passou-o à rapariga.

— Está certo?

Ela conferiu o dinheiro e acenou com a cabeça.

— Sim, perfeito.

Depois de ela sair, o pai voltou-se para a filha.

— Não estás cansada, meu amor?

— Sim, talvez um pouco. Mas podemos só ver televisão mais um bocadinho?

O pai abanou a cabeça, falando-lhe com ternura.

— Desculpa, mas já é muito tarde.

— Oh, por favor! Não quero ir já para a cama — disse a menina, parecendo prestes a romper num pranto.

— Está bem, está bem. — O pai levou-a para a sala de estar. A emissão televisiva já tinha acabado, mas ele ligou o leitor de vídeo e inseriu uma nova cassete.

A seguir, sentou-se ao lado da filha, no sofá, e os dois ficaram à espera de que o filme começasse.

— Passaste uma boa noite, não foi, filha? — perguntou ele, cautelosamente.

— Sim... sim, passei — respondeu ela, com pouca convicção.

— Ela foi... simpática contigo, não foi?

— Sim — respondeu a criança. — Sim, ambas foram muito simpáticas.

— O que queres dizer com *ambas*? — perguntou o pai, apalhado de surpresa.

— Elas eram duas.

Então, o pai virou-se para olhar para a filha e voltou a perguntar, suavemente:

— O que queres dizer com *elas*?

— Elas eram duas.

— Alguma amiga dela passou por cá?

Seguiu-se uma breve pausa, antes de a criança responder. Descobrimo medo no seu olhar, o pai estremeceu involuntariamente.

— Não. Mas foi um bocado esquisito, papá...

PARTE I
1987

I

A escapadela de fim de semana para o noroeste longínquo fora um capricho súbito, uma forma de desafiar a obscuridade outonal. Eles tinham arrumado a bagagem a correr no velho *Toyota* de Benedikt e partido de Reiquiavique numa euforia de excitação. Contudo, a longa viagem, feita predominantemente por estradas de gravilha em mau estado, levava-lhes várias horas, e a noite começava a instalar-se na altura em que eles chegaram à península dos Fiordes do Oeste. Ainda estavam algo distantes do vale remoto que seria o seu destino, e Benedikt mostrava-se cada vez mais impaciente.

Já haviam atravessado turfeiras elevadas, com a paisagem despida de árvores a alongar-se num vazio desolado e ominoso, invadido pelo crepúsculo, até descerem para o litoral no braço mais recôndito do grande fiorde conhecido como Ísafjardardjúp.

Benedikt aliviou a força que fazia no volante na altura em que a estrada abraçava temporariamente a linha costeira baixa, antes de se elevar uma vez mais para cruzar um novo desfiladeiro. Quando o caminho iniciou uma nova descida, voltando a dirigir-se para o mar num percurso repleto de curvas sinuosas, ele crispou as mãos outra vez. De cada lado, perfilavam-se longas extensões de encostas montanhosas a baixa altitude, que a escuridão mal

deixava antever. Não se avistava sequer o mais pequeno ponto de luz. O fiorde ficara desabitado depois de os habitantes deixarem para trás a vida dura dos campos, com parte deles a refugiar-se na pequena cidade de Ísafjörður, a 140 quilómetros dali, na costa recortada pelos fiordes, enquanto outros procuravam as luzes brilhantes de Reiquiavique na longínqua região sudoeste do país.

— Teremos partido tarde demais? — alvitrou Benedikt. — Não vamos conseguir descobrir a casa nesta escuridão, não achas? — Ele insistira em conduzir o carro, apesar de ser a primeira vez que se deslocava àquele ponto do país.

— Tem calma — contrapôs ela. — Eu conheço o caminho. Já vim aqui muitas vezes durante o verão.

— Pois, durante o *verão* — retorquiu Benedikt, com o olhar sóturno colado à estreita faixa de estrada que serpenteava em voltas e reviravoltas imprevisíveis.

— Vá lá, vá lá — animou-o ela num tom suave, com o riso a impregnar-lhe a voz.

Há muito tempo que ele aguardava aquele momento, admirando à distância aquela rapariga linda e jovial e sentindo que talvez — apenas talvez — ela nutrisse o mesmo sentimento. Ainda assim, nenhum deles tinha feito qualquer avanço até escassas semanas antes, altura em que algo acabara por se modificar na sua relação, e uma faísca levava o rastilho a atear-se.

— Já estamos perto do desvio para Heydalur — disse ela.

— Chegaste a viver aqui alguma vez?

— Eu? Não. Mas o meu pai é dos Fiordes do Oeste. Ele cresceu em Ísafjörður. O chalé pertence à família dele e nós costumávamos vir para cá nas férias. É uma espécie de paraíso.

— Acredito, embora não me pareça que consigamos ver grande coisa esta noite. Estou ansioso por sair desta escuridão. — Após uma pausa, ele perguntou, num tom pouco esperançoso: — A casa tem electricidade, não tem?

— Água fria e velas — referiu ela.

— A sério? — Benedikt deixou escapar um gemido.

— Não, estava a brincar! Há água quente... água quente em abundância; e também temos eletricidade.

— Disseste... disseste aos teus pais que vínhamos para cá?

— Não. Isto não é da conta deles. A minha mãe não está em casa e, seja como for, eu faço aquilo que quero. Limitei-me a dizer ao meu pai que ia passar o fim de semana fora. O meu irmão não estava lá, pelo que ele também não sabe de nada.

— OK. Aquilo que eu estava a pensar era... esta é a casa de férias deles, certo? — O que Benedikt gostaria realmente de saber era se os pais dela estavam a par de os dois irem juntos para fora, já que isso seria um sinal inequívoco de que eles estariam a iniciar uma relação. Até agora, tudo tinha permanecido em segredo.

— Sim. A casa pertence ao meu pai, mas eu sei que ele não está a pensar servir-se dela. E eu tenho uma chave. Vai ser fantástico, Benni. Imagina só o panorama das estrelas esta noite; o céu deve estar praticamente limpo.

Ele assentiu, se bem que ainda subsistissem dúvidas sobre se aquela seria uma ideia acertada.

— Aqui, vira aqui — indicou ela abruptamente. Ele carregou no travão, quase perdendo o controlo do carro e conseguindo fazer o desvio à justa. Ao dar por si num caminho ainda mais apertado, pouco mais largo do que um trilho, reduziu drasticamente a velocidade.

— Vais ter de ir mais depressa do que isso, ou só chegamos lá de manhã. Não te preocupes que vai correr tudo bem.

— É que eu não consigo distinguir nada... E não quero dar cabo do carro.

Ela riu-se — daquela sua forma encantadora —, e ele sentiu-se imediatamente melhor. Haviám sido a voz e o carácter inocente da sua gargalhada que o tinham seduzido inicialmente. E agora, finalmente, todos os obstáculos haviám sido removidos do caminho. Ele tinha a sensação avassaladora de que aquilo estava destinado a acontecer; que aquilo era apenas o início, um vislumbre do futuro.

— Acho que me falaste num jacúzi, não foi? Era ótimo poder ficar de molho depois de passar o dia inteiro a percorrer estes caminhos esburacados. Acredita que me dói cada osso.

— Hum... sim, pois — retorquiu ela.

— *Sim, pois?* O que significa isso? Há ou não há um jacúzi?

— Logo vêes... — Aquela estimulante sensação de incerteza nunca andava muito arredada dela. Era inerente ao seu encanto; ela tinha o dom de dotar tudo de uma auréola de mistério, até uma simples banalidade.

— Bom, seja como for, mal posso esperar.

Por fim, chegaram ao vale onde a casa de férias estaria localizada. Para Benedikt, continuava a ser impossível descortinar qualquer construção no meio das trevas, mas ela pediu-lhe que parasse o carro, e os dois saíram ao encontro do ar límpido e fresco.

— Segue-me. Tens de aprender a confiar mais em mim. — Por entre risos, ela envolveu-lhe a mão com uma levíssima pressão, e ele deixou-se ir. Sentia-se a viver um sonho maravilhoso a preto-e-branco.

A repariga deteve-se inesperadamente.

— Estás a ouvir o mar?

Ele abanou a cabeça.

— Não.

— Chiu. Espera. Mantém-te imóvel e não fales. Limita-te a escutar.

Ele apurou o ouvido e, então, distinguiu o suave rumorejar das ondas. Tudo aquilo parecia irreal, mágico.

— A costa não fica muito distante. Amanhã, podemos dar um passeio até lá. O que te parece?

— Fantástico. Ia adorar.

Um pouco mais à frente, vislumbraram finalmente a casa de férias. Mesmo no meio da escuridão, Benedikt conseguiu reparar que não era uma construção particularmente grande ou moderna. Parecia um daqueles chalés da década de 70 em forma de «A»,

com o telhado muito acentuado, e janelas à frente e atrás. Depois de empreender uma busca aos bolsos do seu casaco acolchoado, a rapariga encontrou as chaves e abriu a porta, ligando o interruptor e dissipando de imediato a obscuridade. Eles acederam a uma sala de estar acolhedora, mobilada com móveis antigos, que conferiam ao local um encanto campestre. Benedikt sentiu logo uma boa atmosfera.

Ia desfrutar daquela estadia, daquela aventura de fim de semana no meio do nada. A sensação de isolamento era realçada pela percepção de que ninguém sabia onde eles se encontravam; os dois dispunham de um vale inteiro só para eles. Aquilo era de facto um sonho.

A sala de estar ocupava a maior parte do chalé, embora existisse ainda uma pequena cozinha, através da qual se acedia à casa de banho, e umas escadas ao fundo da sala.

— O que existe no sótão? — perguntou ele. — Uma zona de quartos?

— Sim. Anda, depressa. — Em escassos movimentos ágeis, ela já tinha percorrido os degraus.

Benedikt subiu atrás dela. Na verdade, o teto inclinado acolhia uma espécie de dormitório, apetrechado com colchões, edredons e almofadas.

— Anda cá — disse ela, deixando-se cair num dos colchões. — Anda.

Quando ela sorria daquela maneira, ele simplesmente não lhe conseguia resistir.

II

Benedikt estava lá fora, à fria brisa outonal, debaixo de um céu cravejado de estrelas, a grelhar hambúrgueres num velho grelhador a carvão. A viagem começara bem, e ele sentiu-se inundado de otimismo ao pensar naquilo que se seguiria. Embora fosse essencialmente um rapaz citadino e tivesse encarado sempre os Fiordes do Oeste como algo frio e inacessível, reconhecia com surpresa que estava a apreciar a experiência. É claro que não podia desejar uma companhia melhor, mas havia algo especial no lugar em si, e naquela solidão. Encheu os pulmões com o ar frio e puro, e tentou fechar os olhos e escutar de novo o mar. O odor das folhas outonais misturava-se com o aroma apetitoso que se elevava do grelhador. Ele abriu os olhos. Estava na parte de trás do chalé e apenas lhe ocorria agora que o jacúzi não se vislumbrava em lado nenhum.

Depois de terminarem de comer, ele perguntou:

— Então onde está o jacúzi que me prometeste? Já dei várias voltas à casa e não consigo descobrir indícios dele.

Ela riu-se com ar malicioso.

— Isso não te deve ter levado muito tempo.

— Estás a fugir à questão.

— Nada disso. Vem comigo.

E, antes que ele desse por isso, já ela estava lá fora. Benedikt apressou-se a segui-la em direção à noite de outubro.

— Vais fazer aparecer um jacúzi por artes mágicas?

— Limita-te a vir comigo. Tens frio?

Ele hesitou um segundo, porque aquela camisola fina o deixava a tiritar, mas não queria admiti-lo. Ao ler-lhe o pensamento, ela entrou de novo em casa, regressando com uma *lopapeysa*, a típica camisola islandesa de lã grossa. Era cinzenta, com o tradicional padrão a preto-e-branco.

— Queres te empreste esta? É do meu pai. Surripiei-a para a trazer para cá. Fica-me demasiado grande, mas é bastante quente.

— Não vou vestir uma camisola do teu pai. Isso seria estranho.

— Como queiras.

A rapariga atirou a camisola para dentro de casa, onde aterrou no chão da sala de estar, e fechou a porta atrás deles.

— Fica a cerca de cinco ou dez minutos daqui, no cimo do vale — informou ela, apontando para lá.

— O quê?

— A piscina de água quente — disse ela por cima do ombro, começando a andar. — Há uma nascente termal fantástica, perfeita para duas pessoas.

Uma lua cheia tinha-se elevado no céu enquanto eles comiam, derramando a sua luminosidade fria sobre o vale. Benedikt não conseguia deixar de pensar que não gostava de caminhar numa noite escura naquelas condições — sem avistarem sinais de qualquer outra luz. À exceção do chalé, o qual já desaparecera do seu ângulo de visão, não havia nenhuma habitação. Pelo menos humana. Mas aquilo era uma aventura, e ele sentia-se tão loucamente apaixonado por aquela rapariga que estava determinado a dar o seu melhor.

Mas, tanto quanto lhe era permitido ver, não havia qualquer piscina de água quente em nenhum ponto ali próximo.

— Ainda falta muito? — perguntou, duvidoso. — Não estás a pregar-me uma partida, pois não?

Ela riu-se.

— Não, é claro que não. Olha. — Ela apontou para o cimo do vale estreito e, naquele ponto, mesmo no sopé da montanha, ele distinguiu uma pequena construção com uma fina espiral de vapor junto dela a elevar-se ao luar. — É ali mesmo. Estás a ver o abrigo? Fica junto à piscina. É uma cabana antiga que as pessoas utilizavam como vestiário.

Os dois foram desbravando o caminho em direção à piscina; porém, quando estavam mais próximos, Benedikt avistou uma corrente montanhosa a obstruir a passagem. Era possível ver o luar a refulgir nos redemoinhos da água encapelada.

— Onde está a ponte? — perguntou ele, estacando de repente. — Ou temos de ir à volta?

— Confia em mim. Conheço este sítio como a palma da minha mão. — Ao chegarem à margem, a rapariga voltou a falar. — Não existe uma ponte, mas este é o melhor sítio para se atravessar — disse ela. — Estás a ver as pedras? — Benedikt assentiu. Ele via algumas rochas a despontarem à superfície, e não estava a gostar do aspeto delas, agora que compreendia o que elas implicavam. — Não é nada de especial. Uma rocha de cada vez e, mal dás por isso, já estás do outro lado.

Depois de tirar os sapatos e as meias, ela foi avançando como se tivesse feito aquilo a vida inteira. *Ágil como um gato*, pensou ele.

Bom, não havia forma de escapar àquilo. Benedikt nunca lhe admitiria quão apreensivo se sentia, pelo que lhe seguiu o exemplo: descalçou os sapatos e as meias. Depois de se preparar mentalmente, avançou em direção à água, acabando por estremecer e recuar, soltando uma imprecação por entre dentes ao descobrir como estava insuportavelmente gelada.

— Anda, despacha-te lá com isso — incitou-o ela, parecendo absurdamente distante na margem do outro lado.

Ele patinhou de novo para dentro do ribeiro, subindo para a primeira pedra e saltando para a outra a seguir. Ao lançar-se para

a terceira, tropeçou, conseguindo à justa encontrar um ponto de apoio para evitar o desastre. Por fim, chegou ao outro lado, tremendo ligeiramente e deixando escapar um suspiro de alívio.

Ao erguer os olhos, viu que ela tinha despido todas as peças de roupa e estava na margem da piscina, completamente nua.

— Anda — voltou ela a dizer, avançando para a água quente.

Benedikt não esperou que o convidassem pela segunda vez para tirar a roupa e ir ao encontro dela, com o fundo rochoso escorregadio quase a fazê-lo estatelar-se ao comprido.

— Isto é absolutamente... incrível — observou, contemplando o céu, a Lua e as estrelas, e a escuridão em redor, e sentindo o abraço da água quente a fumegar. Aproximou-se mais da sua miúda.

III

Quando Benedikt regressou ao chalé, depois da escapadela à piscina, os seus dentes batiam incontrolavelmente. Não fazia ideia de que horas seriam; deixara o relógio algures dentro do carro, e o único relógio que existia na casa de férias, além de pequeno, estava parado. Parecia lógico que ali, naquela região deserta entre as montanhas e o mar, o tempo parasse.

— Vamos já para a cama enfiar-nos debaixo dos lençóis — propôs ele. — Estou a ficar gelado.

— Está bem — concordou a rapariga. — Despacha-te. Vai tu à frente — disse ela, e o tom afetuoso na sua voz infundiu a Benedikt um pouco de calor.

Ele preparava-se para esperar por ela, mas a rapariga não fez menção de se mover, pelo que ele subiu as escadas sozinho. No sótão, a luz era difusa, e Benedikt procurou sem sucesso um interruptor.

— Não temos luz aqui em cima? — indagou.

— Não, idiota — respondeu ela carinhosamente. — Estamos numa casa de férias, não numa mansão luxuosa.

Benedikt foi tateando o caminho à luz pálida da Lua que se infiltrava pela pequena janela. Tinham deixado a roupa de cama

no carro, mas ele sentia demasiado frio para voltar a descer as escadas, desejando ainda menos aventurar-se a ir até lá fora. Reposicionou os colchões, juntando dois deles, e tapou-se com o edredão. Um calafrio percorreu-lhe o corpo, mas nem isso o impediu de se sentir inundado de expectativas felizes. Ao fundo das escadas estava a sua miúda de sonho, prestes a subir e a juntar-se a ele, e os dois estavam completamente sozinhos, a uma grande distância da povoação mais próxima. Era como se fossem as duas únicas pessoas do mundo.

Chegou-lhe aos ouvidos o som de uns passos leves. A rapariga estava a subir os degraus, acompanhada de um clarão, no sentido perfeitamente literal. Segurava um velho castiçal, cuja chama lhe iluminava a face, conferindo-lhe um ar misterioso e encantado. A situação era tão irreal que Benedikt voltou a sentir um calafrio.

Ela pousou o castiçal no chão com cuidado. Se houvesse um acidente com uma chama naquele velho chalé de madeira, as consequências eram mais do que previsíveis, refletiu Benedikt com nervosismo. Porém, nesse momento, a sua atenção foi distraída pela constatação de que ela estava seminua.

— Ena! — proferiu ele, sem pensar. Ela era incrivelmente deslumbrante. Mas, depois, uma olhadela de relance para o castiçal levou-o a perguntar: — Não é perigoso trazer uma vela acesa para aqui?

— Como é que achas que as pessoas se arranjavam no campo, Benni? Tu realmente és mesmo um rapaz da cidade...

Ele riu-se.

— Estás à espera de quê para vir para debaixo do edredão? Não tens frio?

— Eu nunca tenho frio, sabias? Não consigo explicar porquê. — Ele conseguia ver o sorriso dela à luz da vela. Em seguida, a rapariga virou-se e voltou a descer a escada sem lhe dar explicações.

— Vais outra vez para baixo?

Ela não lhe deu resposta. Benedikt deslocou-se ligeiramente na direção da vela, como se fosse possível recorrer ao seu calor

para mitigar o frio que sentia. A mesma palavra, «irreal», veio-lhe de novo ao pensamento. Ou «sobrenatural»... Sim, talvez fosse isso. E, simultaneamente, havia ali algo de proibido, o que tornava tudo mais excitante.

A rapariga reapareceu quase imediatamente; desta vez, com uma garrafa de vinho tinto e dois copos.

— Isso é fantástico — balbuciou ele.

Ela deslizou para debaixo do edredão, aconchegando-se a ele.

— Pronto. Já te sentes mais confortável, Benni?

Ouvi-la pronunciar o nome dele daquela forma, naquele lugar, era uma sensação indescritível.

— Sim — respondeu ele, atrapalhado.

— Sabes que um dos meus antepassados viveu aqui? — revelou ela, e, pelo tom da sua voz, era óbvio que haveria uma história associada. Ela estava sempre a contar histórias; era uma das coisas que ele adorava nela. Tinha sido muito fácil apaixonar-se por ela, demasiado fácil, mas ele não o lamentava nem um segundo. Agora, já não.

— Diz-se que... — Ela fez uma breve pausa para criar um efeito dramático. Depois, acrescentou, num tom jovial: — Não sei se queres saber...

— É claro que quero.

— Diz-se que o fantasma dele anda a assombrar o vale.

— Sim, está bem.

— Cabe-te a ti acreditar ou não, Benni, mas é isso que se diz. E é por isso que nunca, jamais, eu passava aqui uma noite sozinha. — Ela aconchegou-se mais a ele.

— Já o viste? — perguntou Benedikt, esperando que ela parasse com aquelas tretas, mas retirando em simultâneo algum prazer secreto da história. Ele adorava ouvi-la falar, mesmo sabendo que nem sempre a podia levar a sério.

— Não... — respondeu ela, mas houve qualquer coisa no silêncio que se seguiu que o deixou apreensivo. — Não, mas senti-o... Ouvi... ouvi coisas que não consigo explicar.

A rapariga parecia tão séria que ele ficou desconcertado.

— Certa vez, quando eu era miúda, estava aqui com o meu pai. Na altura, só nos encontrávamos aqui os dois, e ele saiu por pouco tempo para ir a qualquer sítio depois de eu me ir deitar. A determinada altura acordei e descobri que estava sozinha. Isto passou-se no início da primavera, pelo que as noites ainda estavam escuras. Tentei acender a vela, mas o pavio recusava-se a atear... e depois ouvi aqueles barulhos e... Sabes que mais, Benni? Nunca me senti tão assustada em toda a vida.

Benedikt não lhe disse nada; começava a arrepender-se de ter concordado em ouvir a história.

Ao olhar para ela, pareceu-lhe, por momentos, ver medo genuíno nos seus olhos. Ele fechou os seus, tentando dissipar aquela sensação tenebrosa. Que absurdo estar a deixar-se levar por aquelas balelas...

— Eu não acredito em... — começou ele a dizer.

— Isso é porque tu não conheces a história toda, Benni — interrompeu-o ela suavemente, com o tom a aludir a algo assustador que ficara por dizer.

— A história toda? — repetiu ele, sem reação.

— Ele foi queimado na fogueira. Consegues imaginar? Queimado na fogueira!

— Tretas! Estás a gozar comigo?

— Achas que eu fazia uma coisa dessas? Nunca leste nada sobre a queima de pessoas acusadas de bruxaria na Islândia?

— Queima de pessoas acusadas de bruxaria? Referes-te ao século XVII, quando se lançavam as mulheres velhas à fogueira por elas praticarem magia negra?

— Mulheres velhas? Pois neste caso foram poucas as mulheres queimadas; foram homens, na sua maioria. E o meu antepassado foi um deles. Pensa nisso, Benni. Tenta imaginar a sensação de ser lançado a uma fogueira. — A rapariga fez um gesto repentino para enfatizar o que dizia e derrubou o velho castiçal. Benedikt soltou um grito abafado ao ver a vela caída no chão.

IV

Numa reação rápida, a rapariga pegou na vela e colocou-a de novo no suporte. Depois, sorriu.

— Isto podia ter corrido mal...

— Sim, por amor de Deus, tem cuidado — pediu ele, com o susto a deixá-lo momentaneamente de respiração suspensa.

— E sabes que mais? — prosseguiu ela no mesmo tom suave e encantador, como se nada tivesse ocorrido. — Eu julgo que ele era culpado.

— Culpado?

— Sim, de atos de bruxaria. Não me interpretes mal; não estou a dizer que ele merecia ser morto numa fogueira. Mas é evidente que ele devia andar a praticar magia negra. Tenho andado a pesquisar sobre isso, os símbolos mágicos e esse tipo de coisas. É verdadeiramente fascinante.

— Fascinante? Andar a interferir no terreno do oculto?

— Não, a sério, eu acho que isto é hereditário, que está nos meus genes.

— O quê? A magia negra? — ripostou ele, mal conseguindo acreditar no que ouvia.

— Sim, a magia.

— Deves estar a brincar.

— Benni, eu não brinco com estas coisas. Já fiz algumas experiências. É algo estimulante. — A jovem deu-lhe uma pequena cotovelada quando ele se juntou a ela.

— Experiências?

— Sim, a lançar feitiços. Como é que achas que eu consegui apanhar-te na minha teia? — perguntou com ar malicioso.

— Oh, vá lá...

— Aquilo em que queres acreditar fica ao teu critério.

— Pois, eu mal posso acreditar que estou aqui contigo.

Ela deu uma gargalhada.

— Não íamos beber um copo? — A garrafa de vinho e os copos jaziam ao pé do castiçal, esquecidos.

— Eu não vou sair de baixo do edredão. Ainda estou gelado.

— Estás gelado? — replicou ela, e acrescentou em tom jocoso: — Tu não estás com medo, pois não? — Ele não lhe respondeu. — A sério, estás com medo?

— É claro que não. — Ele encostou-se ainda mais a ela, sentindo o calor a irradiar do seu corpo nu.

— Nada irá acontecer enquanto a vela permanecer acesa; ele não vai fazer nenhum som. Só quando estiver escuro, Benni, só quando estiver escuro...

Ela estendeu a mão para a vela, apagou a chama com os dedos e, virando-se para Benedikt, beijou-o nos lábios com infinita ternura.

«Um dos melhores enredos de Ragnar Jónasson, mergulhado na atmosfera escandinava que tanto adoramos.»

The New York Times

Ellidaey é uma ilha islandesa completamente isolada do mundo exterior, de uma paisagem bela e implacável. Mas é também um bom lugar para fazer alguém desaparecer. Quando um grupo de quatro amigos decide passar um fim de semana num antigo pavilhão de caça daquela ilha, um deles não regressa com vida.

A inspetora Hulda Hermannsdóttir é chamada a investigar o caso, acabando por descobrir que, dez anos antes, outra morte ocorreu dentro do mesmo grupo de amigos, lançando a suspeita de que poderá haver ligação entre os dois trágicos acontecimentos.

Num lugar inóspito e de uma escuridão inexorável, Hulda está determinada a descobrir e a revelar os segredos que se escondem por detrás da tenebrosa ilha, ao mesmo tempo que ilumina o seu próprio passado sombrio.

«Ragnar Jónasson é exímio a retratar o isolamento que a paisagem austera e a beleza selvagem da Islândia proporcionam. E Hulda é uma excelente adição ao restrito grupo das inspetoras de topo da literatura policial.»

The Times

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-564-007-2



9 789895 640072

Policia